

Colonialidades do Discurso Oficial em Jornais Históricos: A Mediação da Memória de Gênero em Narrativas Locais Sobre as Mulheres¹

Jozieli CARDENAL²

Hieda Maria Pagliosa CORONA³

Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), Pato Branco, PR
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, PR

RESUMO

O presente relato compartilha resultados de doutoramento conduzido pela epistemologia decolonial, a partir de uma perspectiva teórico-prática configurada pelo diálogo entre cartografia e etnografia documental (PEIRANO, 2014; GODOLPHIM, 1995). O intuito é identificar como a memória local atravessa discursos oficiais mobilizados pelo jornalismo e sua “geografia imaginada” (ALIMONDA, 2011) na constituição e mediação (MARTÍN-BARBERO, 1997, 2002) de identidades de gênero, especialmente quando o intuito é descrever – ou apagar – a atuação das mulheres nos processos históricos de protagonismo e desenvolvimento, o que chamamos aqui de “memória de gênero”.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidades discursivas; Mediação; Memória; Gênero; Desenvolvimento local.

Introdução

Este resumo apresenta e analisa, brevemente, quatro enunciados identificados em pesquisa de campo voltada a jornais históricos de Pato Branco (PR) nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e que denotam colonialidades presentes na narrativa de papéis sociais destinados às mulheres. Para tanto, considera-se que a ideia de gênero está relacionada à perspectiva de construção cultural, conforme aponta Scott (2005), pois tal definição está associada aos papéis socialmente indicados e adequados para homens e mulheres.

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), e-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br.

³ Profa. Dra. do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e-mail: pagliosa@utfpr.edu.br.

Todavia, o debate feminista precisou ir além do olhar sobre papéis normatizadores de gênero, em que a diversidade passou a ser uma das principais categorias do movimento – que também começou a enxergar a mulher a partir da lógica racial, capitalista e colonial. Essa fase, caracterizada enquanto “quarta onda do feminismo” (HOLLANDA, 2020), congregou a mobilização de diferentes vozes, saberes e lugares de fala. Assim, a crítica a epistemologias heteronormativas coloniais ganhou força nos estudos feministas, em que “[...] o feminismo eurocentrado e civilizacional começa a ser visto como um modo de opressão alinhado ao que rejeita, uma branquitude patriarcal, e informado na **autoridade** e na **colonialidade** de poderes e saberes” (HOLLANDA, 2020, p. 12, grifo nosso).

Insurge, então, o reconhecimento da “colonialidade de gênero”. Nesse sentido, o patriarcado branco, reverberado pelas violências legitimadas pelo Estado e pela sociedade, manifesta-se nos vestígios e na agência da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005, 2007), que segue invisibilizando a trajetória de mulheres, especialmente as não brancas (LUGONES, 2014, 2020). Assim, a diferença colonial caracterizada pela cegueira hegemônica da modernidade impregnada na ciência, quando encarada pelas lentes do pensamento fronteiro decolonial, também revela a pluriversalidade das histórias locais. Conforme descreve Escobar (2011), essa diversidade deve ser priorizada, por meio da interculturalidade inserida no diálogo efetivo entre culturas e contextos de poder, promovendo debates étnicos, de gênero e sobre territorialidades.

A seguir, são apresentados três textos, que têm como intuito celebrar os aniversários de 19, 36 e 39 anos de Pato Branco. Além destes, outro texto complementar também foi analisado, por abordar o entendimento social sobre a ideia de ser colono e pioneiro. Assim, os quatro enunciados apresentam, em comum, o discurso voltado aos pioneiros e colonizadores do município, bem como o apagamento de trajetórias de mulheres no processo de desenvolvimento local.

1 Colonialidades da memória de gênero na história do discurso oficial e local

O primeiro texto, intitulado “Capital do Sudoeste no seu 19º aniversário”, foi publicado na edição nº 205 do jornal Correio do Sudoeste, em 14 de dezembro de 1971. Além do uso dos substantivos e pronomes masculinos para designar os pioneiros e agricultores, não há referência a *pioneiras* ou a *agricultoras*, em que o discurso centrado

na figura do homem é evidenciado no decorrer do texto, que propõe citar momentos históricos da trajetória política e social da cidade. Para tanto, nomes de personalidades são citados, porém, mulheres não são mencionadas.

Em seguida, os prefeitos diplomados até a data da publicação são mencionados, nominalmente, e reconhecidos enquanto: “[...] **todos homens que lutaram**, muitas vezes agressivamente para poderem vencer as inúmeras dificuldades que surgiram nos **primeiros passos de Pato Branco**”, (CORREIO DO SUDOESTE, 1971, p. 01, grifo nosso). Para finalizar o texto, além do prefeito e vice-prefeito da época, são apresentados, também nominalmente, os componentes dos principais cargos da administração municipal: são oito homens, nem uma mulher.

Com o título “Pato Branco: 36 anos de desenvolvimento”, o segundo texto selecionado integra a 140ª edição do jornal Gazeta do Sudoeste, publicada em 16 de dezembro de 1988. O que chama atenção nos primeiros parágrafos é um novo substantivo, no plural: **desbravadores**. O enunciado propõe apresentar “os **pioneiros** que escreveram ou alinhavaram as páginas da história de Pato Branco” (GAZETA DO SUDOESTE, 1988, p. 06, grifo nosso). Embora parte da página tenha sido extraída da edição, é possível identificar que entre os mais de 20 nomes destacados, nem um refere-se a alguma mulher. Ao reconhecer que não é possível citar a todos, o texto anuncia que há “[...] tantos outros **heróis** que construíram para nós, a Capital do Sudoeste” (GAZETA DO SUDOESTE, 1988, p. 06, grifo nosso). Nesse sentido, ainda, a conclusão do texto traz o seguinte trecho:

Aos nossos **primeiros colonizadores**, a reverência e a gratidão, nas pessoas de seus **seguidores, filhos, netos**, que ainda hoje, seguem o exemplo de que somente com o trabalho contínuo é que se consegue levar avante as bandeiras desfraldadas pelos **heróis que acreditaram** no potencial de realização de Pato Branco, célula fundamental no organismo paranaense. (GAZETA DO SUDOESTE, 1988, p. 06, grifo nosso)

Novamente, além de não citar nem uma personalidade feminina, as terminologias usadas a partir de substantivos e pronomes masculinos reforçam as noções de construção e reprodução de sentido sustentadas por colonialidades hegemônicas e patriarcais – o homem, aqui, tem seus seguidores, filhos e netos para preservar e continuar o seu legado. Ainda aqui, outro termo aparece e deve ser contextualizado: o **colonizador**. Para dialogar com a perspectiva da época, o texto intitulado “Colono”, assinado por “CêJotaErre” e publicado na 242ª edição do jornal Correio do Sudoeste, em 29 de julho de 1972, traz a seguinte percepção:

Colono

Curvado sobre a terra, às vezes suando sob um sol abrasador ou tirintando de frio nas madrugadas de inverno, sempre você pode encontrá-lo. E, sem saber muitas coisas, sem saber que existe linguagem de comunicação com o mundo além daquela por ele usada, **ele trabalha**. Mas, enganados estão vocês se pensam que **ele trabalha apenas para a mulher e seus filhos**, enganados estão vocês se pensam que **ele é escravo!** Ele dá, na sua humildade, a última força, ele confia, ele tem **uma capacidade prodigiosa de amar e sua esperança ainda é pura**. E, para alimentar esta esperança **ele trabalha, trabalham seus filhos ainda meninos, trabalha sua esposa**. [...] (CORREIO DO SUDOESTE, 1972, grifo nosso)

Há a figura do homem que trabalha, como o texto apresenta e repete, e que não trabalha apenas para a família, mas para a comunidade. Aliás, sua família é citada, uma vez que os filhos meninos e a esposa também respondem pela labuta, mas de forma secundária. O protagonista é o homem, colono, que possui uma “capacidade prodigiosa de amar” e denota uma “esperança ainda pura”. Reitera-se o discurso social vigente na época, que cristaliza a imagem simbólica do homem enquanto provedor da sociedade e da família, em que a figura da mulher, quando não é invisibilizada, aparece como “a esposa”, dependente da bondade do marido.

O quarto e último texto aqui analisado tem o título “Pato Branco: uma história de séculos” e foi publicado na 318ª edição do jornal Gazeta do Sudoeste, de 14 de dezembro de 1991, para celebrar o aniversário de 39 anos da cidade. Também apresenta momentos históricos do município e termos como “desbravadores” e “pioneiros”. Aliás, o jornal alega citar o primeiro grupo de pioneiros do município, que teria chegado à localidade em 1919 – novamente, sem menção a mulheres pioneiras e migrantes. No entanto, diferente dos demais textos aqui apresentados, este é o primeiro que faz referência direta a uma mulher: Matilde Chames, a primeira professora da localidade. Contudo, a construção enunciativa com que a informação é apresentada deve ser observada:

A história de Pato Branco **também** reserva espaço **relevante** para a **primeira professora, Dona Matilde Chames**, que ensinou o caminho das primeiras letras. Ao mesmo tempo, começaram a chegar **médicos, farmacêuticos, dentistas e outros profissionais**. (GAZETA DO SUDOESTE, 1991, p. 08, grifo nosso)

Para o jornal, Matilde Chames também tem um espaço relevante na história da cidade, mas rapidamente a atenção do texto volta-se para outras categorias profissionais, todas apresentadas como substantivos neutros ou masculinos. Porém, o que chama atenção é que, entre farmacêuticos, dentistas e médicos, os “professores” não são citados.

Considerações parciais de travessias em movimento

Os textos aqui mobilizados, especialmente os que objetivam homenagear a cidade pelo aniversário de emancipação política, embora possuam 19 anos de diferença, demonstram ter a mesma autoridade discursiva. Entre eles, há certa estabilidade na reprodução simbólica, pois em todos há a tentativa de resgatar elementos e momentos da história local, em que a repetição manifesta-se, ainda, na menção a **pioneiros, heróis, desbravadores e colonos**. Destaca-se, portanto, a ausência de mulheres nesses enunciados que buscam revelar o protagonismo histórico.

Tal reprodução de sentido apresenta colonialidades de gênero resultantes de narrativas de poder – processo dialógico de mediação e recepção em que somente os homens são reconhecidos. Ao observar invisibilidades discursivas, intensifica-se a importância de estudos de gênero que versem sobre territorialidades e pioneirismos, justamente para que o resgate e preservação de histórias silenciadas venham à tona. Afinal, estudar um locus enunciativo, sem observar privilégios de gênero presentes nos discursos patriarcais predominantes na história oficial – e no trânsito movente da mediação cristalizada na memória local – é um erro no qual não devemos seguir insistindo.

REFERÊNCIAS

ALIMONDA, H. La colonialidad de la naturaleza: una aproximación a la Ecología Política latinoamericana. In. ALIMONDA, Héctor (Org.). **La Naturaleza colonizada**: Ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, agosto de 2011. pp. 21-58.

CORREIO DO SUDOESTE. **Capital do Sudoeste no seu 19º aniversário**. Edição nº 205, 14 de dezembro de 1971.

_____. **Colono**. Edição nº 242, 29 de julho de 1972.

ESCOBAR, A. Ecología política de la globalidad y la diferencia. In. ALIMONDA, Héctor (Org.). **La Naturaleza colonizada**: Ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, agosto de 2011. pp. 61-92.

GAZETA DO SUDOESTE. **Pato Branco**: 36 anos de desenvolvimento. Edição nº 140, 16 de dezembro de 1988.

_____. **Pato Branco**: uma história de séculos. Edição nº 318, 14 de dezembro de 1991.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995

HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. Rumo a um feminismo descolonial. In. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

_____. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (org). **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp. 107.

_____. Colonialidade do poder, globalização e democracia. **DEP: Diplomacia, Estratégia e Política/Projeto Raúl Prebisch no. 6** (abril/junho 2007) – Brasília: Projeto Raúl Prebisch, 2007.

SCOTT, J. **O enigma da igualdade**. Estudos Feministas, Florianópolis, n.13, v.1., jan-abr., 2005.